

Brincadeiras e costumes:

Um inventário afetivo em Indez

Dayane Cabral Leite

RESUMO: Este ensaio apresenta uma reflexão sobre as brincadeiras e costumes apresentados em *Indez*, destacando um modo de vida que corrobora aspectos éticos e estéticos sustentáveis. Os registros em *Indez*, mais do que falar de crianças e suas brincadeiras, acessam a memória de uma vida na qual o ato de brincar podia ser mais importante que o brinquedo.

Palavras-chave: Bartolomeu Campos de Queirós. *Indez*. Brincadeiras e costumes. Sustentabilidade

ABSTRACT: This essay contemplates the games and customs presented in *Indez (Nest Egg)*, highlighting a way of life that corroborates sustainable ethical and aesthetic aspects. This inventory in *Indez*, more than commenting about children and their games, accesses the memory of a life in which the act of playing could be more important than the toy.

Keywords: Bartolomeu Campos de Queirós. *Indez*. Toys and customs. Sustainability.

Seus brinquedos, ele mesmo os fazia com frutos e sementes encontrados nos caminhos que levavam ao paiol, ao curral, ao riacho, ao canavial. Outras vezes, observar as mágicas da natureza era um divertimento. Cismava com o trabalho das abelhas, as grandes cargas carregadas pelas formigas. Amava o amor lambido das vacas pelos bezerros, o crescimento das caixas de marimbondo na beira do telhado indicando fortuna, as flores chegarem a frutos, as pedras roladas servindo de colchão macio para o correr das águas. (QUEIRÓS, 2004, p.34)

Nasci e cresci em uma cidade pequena, tenho na memória a intimidade com o quintal, me lembro dos galhos das árvores que serviam de balanço, onde ficavam as trilhas de formigas e até onde chegavam. E as casas de cupim? Milagrosamente cresciam da noite para o dia. Quando li *Indez* pela primeira vez foi como se toda minha infância estivesse registrada naquelas palavras. Bartolomeu, de forma visionária, viu além do seu tempo e nos brindou com obras que registram os costumes da infância de cada leitor.

A proposta deste texto nasceu quando o LeLiS foi convidado a participar do 23º Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós. Levamos em consideração a temática do 23º Seminário, “2030: Infância, Literatura, Sustentabilidade”, e a seleção das obras de Bartolomeu, *Apontamentos*, *O rio e Sem palmeira ou sabiá*, para o Clube de Leitura em Língua Portuguesa da Organização das Nações Unidas, projeto da Agenda 2030 da ONU. O Clube de Leitura visa a incentivar crianças de 6 a 12 anos a conhecer mais sobre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) dessa Agenda. As

obras de Bartolomeu que foram selecionadas têm como eixo central alguns desses 17 ODS.

Pensando nos ODS e na análise global da obra do escritor, percebemos que parte significativa de sua produção, para além dos três livros selecionados, também poderia integrar o Clube de Leitura, uma vez que contempla alguns dos 17 ODS. Concordamos que Bartolomeu foi visionário quando registrou para a humanidade um modo de vida que corrobora aspectos éticos e estéticos de uma vida mais sustentável. Assim, este texto tratará das brincadeiras e costumes registrados em seus livros que acessam a memória de uma vida na qual o ato de brincar era mais importante que o brinquedo.

É importante destacar que, mais do que falar de crianças e suas brincadeiras, os livros falam da infância como um tempo de aprendizagens cotidianas confinadas nas lembranças individuais que não precisam e nem devem ser reservadas somente aos primeiros anos de vida. Freire (2021) nos ajuda a pensar a respeito da infância como um tempo que não é definido pelo cronológico, mas pela retomada constante da curiosidade que aceita o encantamento como novidade e cria perguntas que transformam a seriedade da vida adulta na vivacidade que nos faz crer que podemos começar tudo outra vez. Freire completa:

Os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser puramente os do calendário. Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco tempo. Além disso, somos velhos ou moços muito mais em função

de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos, curiosos, ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa satisfeitos e imobilizados. Somos moços ou velhos muitos mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo, se o que fizemos continua a encarnar nosso sonho. (FREIRE, 2021, p. 97)

Bartolomeu foi menino pela vida inteira. Ele dizia que o tempo ancora no corpo do homem¹, que ele não passa simplesmente, mas está aportado no interior de cada ser, permitindo-nos lembrar fatos que, quando não esquecidos, merecem ser divididos. E, em sua escrita generosa, dividiu conosco, seus leitores, o que podemos considerar um inventário afetivo da infância no Brasil.

Sua obra estabelece uma relação entre brincadeira – infância – sustentabilidade com bases sociais, culturais e políticas fundadas em um modo de vida que ganha destaque quando pensamos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e no Patrimônio Imaterial. A brincadeira, conforme apresentada na obra, não utiliza materiais produzidos em larga escala, valoriza o material não estruturado e os elementos da natureza, como sementes, frutos e gravetos coletados pelo caminho. Tudo isso se transforma em brinquedos com a riqueza do olhar do menino Bartolomeu. “Ficava no canto da sala fazendo-se de entretido com algum tatuzinho-bola. Outras vezes, debaixo da mesa separando pedrinhas ou contando sementes” (QUEIRÓS, 2004, p. 46).

¹ Entrevista concedida à jornalista Guga Barros e transmitida por Imagem da palavra. Disponível em:

Para Benjamin (2009, p. 85), “não há dúvida que brincar significa sempre libertação” e, por libertar, favorece um movimento de mesclar real e imaginário, em que acontecem as primeiras interações entre criança e o mundo e ela se vê livre de suas dificuldades. Em *Indez*, Bartolomeu destaca a vida em conjunto, na qual adultos partilham o mesmo espaço de interação com as crianças. “A infância brincava de boca de forno, chicotinho-queimado, passar anel, ou corria da cabra-cega. Nossos pais, nessa hora preguiçosa, liam o tempo escrito no movimento das estrelas, na cor das nuvens, no tamanho da Lua, na direção dos ventos” (QUEIRÓS, 2004, p. 8).

A vida apresentada retrata a existência humana e sua cotidianidade em um movimento espontâneo que abre espaço para novos interesses. Benjamin (2009, p.85) tece uma crítica à sociedade do consumo, aponta que o brinquedo perde sua função social de mediador da fantasia quando precisa ser substituído com a mesma urgência que o capitalismo exige. Sua proposição vai ao encontro dos registros de Bartolomeu, quando destacam as possibilidades de um modo de vida sustentável.

A mãe de Antônio propõe variados momentos de diversão que vão além do divertimento; ela cria espaços de vida, em harmonia com a proposta social da brincadeira. Transforma a ausência em presença, a dificuldade em divertimento.

Foi assim brincando que ela ensinou os meninos a fazer e a comer a Bandeira Nacional, quando faltava carne. Ela servia

<<https://www.youtube.com/watch?v=fbRrCTu-doA0>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

[...] a obra *a-cor-da* nos leitores (tira a memória do estado de sonolência e recupera sentidos, dá cor às memórias) uma experiência sensível que ultrapassa os registros de documentação técnica das memórias culturais de um povo e nos coloca como parte da história, junto a um turbilhão de emoções e lembranças.

os pratos com chuchu verdinho – afogado com água da mina – arroz e mais ovo frito, enquanto recomendava: está no prato o verde das montanhas. Se misturar o arroz e a gema, vira ouro. O prato é esmaltado de azul. Está tudo pronto.

Assim Antônio aprendeu a fazer bandeira – primeiro desenho – ajudado também pelas ordens de José, que nessa hora não media esforços e conhecimentos. Até as estrelas podiam ser feitas, segundo ele, com grãos de arroz branco. A faixa de ordem e progresso era uma beirada de clara. (QUEIRÓS, 2004, pp. 57-58)

É impossível ler as histórias de Antônio e não mesclá-las com as lembranças da minha infância, quando minha mãe dizia que fez sopa de *Skiny*². Durante a infância nunca suspeitei que aquela sopa, minha favorita, marcava um dia de despensa vazia. Recebia meu prato com a maior alegria. Cada colherada era uma “conchinha” de *Skiny*. Saborosa lembrança. Ao rememorar as brincadeiras que aconteciam inclusive na hora de uma refeição, a obra *a-cor-da* nos leitores (tira a memória do estado de sonolência e recupera sentidos, dá cor às memórias) uma experiência sensível que ultrapassa os registros de documentação técnica

das memórias culturais de um povo e nos coloca como parte da história, junto a um turbilhão de emoções e lembranças. Viana completa:

Os documentos técnicos, os inventários, a descrição dos bens contidas nos livros de Registro, são apenas referências sobre os bens, mas não dão conta da natureza dinâmica e processual dos bens. Os patrimônios imateriais, como as festas e celebrações, as músicas, danças, comidas, saberes e técnicas próprias da diversidade cultural só se conservarão, efetivamente, se vivenciados pelas pessoas; pelos sujeitos com motivações em suas comunidades, em condições, com garantias, liberdade e interesses em vivenciar e preservar, de modo dinâmico e criativo, as expressões de suas identidades culturais. (VI-ANNA, 2016, n.p.)

Quando Bartolomeu registra em *Indez* os costumes que atravessam sua infância e separa as estações do ano em banhos de rio e o tempo das fogueiras para os santos, mostra que a vida era vivida em conjunto e as emoções pertenciam a todos. Nos últimos dias revisitei Antônio e suas histórias, passei por seus costumes e percebi o tempo em sua fala, o tempo responsável pela história que marca sua vida do nascer

² Nossa sopa de *Skiny* (salgadinho industrializado feito com farinha de milho) tinha uns pedacinhos

de cenoura, batata e carne, e era engrossada com flocos de milho.

até seus oito anos, o tempo das brincadeiras e o tempo que atravessa as descobertas da infância.

O tempo *kairós* que permite o homem Bartolomeu escutar o menino Antônio e visitar o inventário afetivo de suas histórias que são nossas também.

À tarde, a família, de banho tomado e com roupas de festa, sorria para os vizinhos e parentes que chegavam. E com eles vinham os presentes para Antônio: corte de cambraia, meias de seda, caixinhas de sabonete, latas de talco, medalhinhas. Os pratos de doce rodavam na sala pelas mãos da mãe que servia também cálices de licor de figo, de pequi, de pitanga, de jabuticaba. Entre um e outro elogio que recebia pelo capricho da festa, a mãe se desculpava, mas dizia que Antônio bem merecia. (QUEIRÓS, 2004, p. 21)

As brincadeiras simples e cotidianas marcam mais do que um momento de brincadeira, representam uma espécie de chave que abre no leitor um espaço seguro para retomar as memórias de infância que estavam guardadas. Aquela frase ou palavra-chave abre uma porta para lembranças e o leitor mergulha em fatos vividos que representam o modo de vida de uma época. De forma doce e sutil, o texto mostra que as crianças precisam ser valorizadas e pensadas como portadoras de direitos – não somente aqueles direitos que as sociedades e os estatutos lhe concedem e que garantem suas necessidades básicas, mas um direito que a inclui nos contextos e que faz com que adultos possam ouvir suas singularidades e reconhecer sua capacidade/necessidade exploratória.

Com as mães, os filhos aprenderam a brincar. Ela fazia tudo ficar mais alegre. Se era longa a distância, ela brincava de contar as estacas da cerca, de correr atrás da sombra, de pular carniça, de andar no ritmo dos escravos de Jó. ‘Brincar encurta o caminho’, dizia ela. Se alto era o morro, quem chegar primeiro é o mais bonito e vira anjo, gritava já correndo. É claro que ela sempre é quem ganhava. Se faltavam histórias, era olhando o céu que ela lia as personagens. (QUEIRÓS, 2004, p.57)

Voltamos a um momento de nossas vidas em que o ato de brincar era muito mais importante do que o objeto com que brincávamos, pois existia a presença de seres humanos, sem a distinção entre crianças e adultos, com experiências, tempos e culturas variados que escolhiam utilizar seu ambiente de forma potente.

Os olhos visionários do menino Bartolomeu nos ajudam a perceber o patrimônio cultural imaterial presente em *Indez*. A literatura como instrumento promove conhecimento através dos sentidos, que nos toca pela memória afetiva e transforma a experiência em aprendizado. A literatura gera pertencimento a cada linha e inscreve o leitor no mundo que as palavras criam. Ao criar histórias para encurtar o caminho até a mãe, Bartolomeu acima de tudo observa e escolhe apresentar outras formas de ver o mundo e deixa seu *indez*, como uma metáfora à memória afetiva que marca o ir e vir de um processo de coconstrução de memórias afetivas que, ao longo dos anos, formam um bordado de tempos e afetos que alimentam o inventário de uma infância carregada de diversas manifestações culturais.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 2. ed. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; Posfácio de Flávio di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Organização: Ana Maria de Araújo Freire. 14. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Indez**. 12. ed. São Paulo: Global, 2004.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionario-PatrimonioCultural/detalhes/85/patrimonio-imaterial>>. Acesso em: 4 fev. 2022.

SOBRE A AUTORA:

Dayane Cabral Leite é Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e especialista em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É também professora de Educação Infantil na rede municipal de ensino de Maricá. Além do LeLiS, integra o grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ALMEFRE – UERJ).